

**Análise da representatividade da atleta Rafaela Silva
nos portais: *Globo Esporte*, *EspnW*, *BBC* e *El País*¹**

***Analysis of the representativeness of the athlete Rafaela Silva
in the portals: *Globo Esporte*, *EspnW*, *BBC* and *El País****

Ana Daniella Fechine LEITE²

Mikaella Karla Pedrosa VASCONCELOS³

Glória RABAY⁴

Resumo

O presente artigo tem por finalidade analisar o modo como a mídia buscou construir a imagem da judoca Rafaela Silva após conquistar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. Foram analisadas quatro matérias jornalísticas publicadas logo após a vitória da atleta, em quatro veículos diferentes: dois portais especializados no jornalismo esportivo, *Globo Esporte* e *EspnW*, e dois portais que abordam assuntos diversos, *El País* e *BBC*. Para a análise, o artigo levou em consideração as relações de etnia, gênero e classe social representadas na narrativa jornalística. Através da análise do discurso, foram elencados aspectos que são convergentes entre as reportagens e pode-se perceber que majoritariamente as matérias analisadas enfatizaram as origens de classe e raça de Rafaela, além do fato de ser mulher de um modo que pode inferir a perpetuação do preconceito de raça, classe e gênero.

Palavras-chave: Olimpíadas. Discurso. Rafaela Silva. Narrativa. Etnia.

Abstract

The present article aims to analyze the representation in the media judoka Rafaela Silva after wins gold medal at the Olympic Games 2016 in Rio de Janeiro. Were analyzed four journalistic materials published right after the victory of the athlete in four different vehicles: Two portals specialized sports journalism, *Globo Esporte* and *EspnW*, and two

¹ Trabalho apresentado ao Eixo Temático: Jornalismo, no BitWeek 2016 – DEMID/UFPB, realizado no período de 17 a 21 de outubro de 2016.

² Graduanda do Curso de Jornalismo do CCTA/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa Gênero e Mídia-GEM. E-mail: daniellafechine_leite@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Jornalismo do CCTA/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa Gênero e Mídia-GEM E-mail: mikaellakarla@hotmail.com

⁴ Professora do Curso de Jornalismo do CCTA/UFPB. E-mail: gloria.rabay@gmail.com

generals portals, *El País* and the *BBC*. For the analysis, the article took into consideration, only to compare, ethnic relations, gender relations and social class are represented in journalistic narrative. Through speech Analysis Were listed Aspects What Are Convergent between as Reports and CAN perceive That mainly as Materials analyzed emphasized as class origins and Rafaela race, In Fact of Being hum woman so that it can infer the perpetuation do prejudice Race, Class and Gender.

Keywords: Olympic. Speech. Rafaela Silva. Narrative. Ethnic.

Introdução

O artigo foi feito com base na história da judoca e na conquista da medalha de ouro. Rafaela Silva nasceu na comunidade Cidade de Deus e viveu uma infância pobre, batalhada para não seguir a imagem midiática de um morador da favela. Filha de Luiz Carlos e Zenilda Silva, Rafaela conheceu o esporte aos sete anos de idade por uma necessidade: precisava ocupar a mente e o corpo, antes que as reações agressivas a levassem para um caminho perigoso. A mãe vendia botijões de gás, o pai era entregador de pizza. Com uma família estruturada numa base social precária, Rafaela e a irmã Raquel Silva tinham de tudo para não ser ouro.

Analizamos quatro reportagens sobre a vitória da judoca nos Jogos Olímpicos do Rio 2016. As matérias abordadas mostram enfoque repetitivo na relação raça, racismo e desigualdade social. Essas relações são categorias sociais, políticas e que, devido ao processo de colonização do nosso país, muito tem a ser discutido na construção de reportagens na mídia.

É necessário, antes de entender as representações de mulheres negras na mídia brasileira, entender a construção das identidades sociais no Brasil, com enfoque em gênero e raça. O sociólogo David Grusky (1994) afirma que a desigualdade social no Brasil está intimamente ligada ao processo de estratificação social. Através da disseminação de discursos definidores de opiniões, a estratificação social funciona como um mecanismo de domesticação.

Os seus componentes são: “os processos institucionais que definem certos tipos de bens como desejáveis” (GRUSKY,1994); “as regras de posição que distribuem esses bens por intermédio dos vários postos ou ocupações na divisão de trabalho” (GRUSKY,1994); e “os mecanismos de mobilidade que ligam os indivíduos às

ocupações, gerando, desse modo, o controle desigual sobre recursos estimados” (GRUSKY,1994).

Nas matérias analisadas pelo artigo, muitos dos discursos institucionais que definem a trajetória da atleta Rafaela Silva a retratam como merecedora da vitória olímpica por fazer parte da carreira militar do exército, considerada por muitos como uma posição social de prestígio.

Esse cenário não foi criado pela mídia, tendo em vista que o debate de raças foi intensificado no século XX, por conta das teorias raciais. O Brasil já chegou a ser considerado um país condenado pela grande quantidade de negros (GRUSKY, 1994). Apesar dessas ideias terem sido superadas por novas teorias sociais que mostram que não existe relação biológica de inferioridade entre raças, o imaginário ainda continua velando o racismo no país.

Esses componentes mostram a correlação entre o discurso institucional e o discurso dos próprios grupos sociais em questão. Ambos criam um ambiente de produção de sentidos. Eni P. Orlandi (1999, p. 7) define a análise de discurso como o estudo que "procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história".

Segundo Mussio (2008), a análise de conteúdo utiliza várias técnicas no estudo de elementos simbólicos. Sua aplicação resulta na obtenção de dados objetivos, sistemáticos e quantitativos, mas há, também, o aspecto interpretativo, ou seja, trata-se de um procedimento com características quantitativas e qualitativas, aspecto adotado nesta pesquisa.

Tendo isso em vista, o presente artigo tem por finalidade analisar as matérias que foram publicadas logo após o ouro olímpico conquistado por Rafaela Silva, em 2016. Foram analisados quatro portais, entre eles o BBC Brasil, o EspnW, globoesporte.com e o El País, numa perspectiva textual, de discurso e representatividade.

Análise em questão

O primeiro portal a ser analisado é o BBC Brasil, que se apresenta em jornalismo digital, no entanto, em outros países é conhecido pela tradição nos jornais impressos.

A reportagem da BBC divide a trajetória da atleta em aspectos relacionados às “ideologias políticas”, “discussão de gênero”, “racismo” e “superação”. O primeiro ponto que deve ser levado em consideração no subtítulo da matéria e primeiro parágrafo do texto é a relação de representação de gênero, raça e classe.

Destrinchando, temos as seguintes relações: “A negra humilde que sofreu e venceu o racismo” (BBC, 2016), relação de gênero e raça. “A sargento que provou o valor da disciplina militar” (BBC, 2016), relação de gênero e classe. “A beneficiária de apoio estatal que atesta o poder dos programas sociais” (BBC, 2016), relação de gênero, raça e classe. “A mulher obstinada que não precisou do feminismo ou cotas em seu caminho de superação individual” (BBC, 2016), relação de gênero e raça.

As ideias são postas em cheque: afinal, Rafaela representa as mulheres, porque foi a primeira do gênero a ganhar medalha nas Olimpíadas no Brasil, os negros, por ter superado ataques racistas, os pobres, por vir da Cidade de Deus, favela do Rio de Janeiro e ter utilizado de programas sociais, ou os defensores da política de direita, por ser militar e não ter utilizados cotas?

No contexto da estratificação social com relação ao gênero, os estudos do sociólogo David Grusky sugerem certos tipos de “processos institucionais” como definidores de bens desejáveis e valorizáveis. (GRUSKY, 1994)

Nesse sentido, podemos deduzir que o discurso que caracteriza Rafaela como militar, acaba por transformar aceitável a sua raça como vencedora, pois se alia a mecanismos que são aceitáveis na sociedade.

Esses mecanismos aceitáveis são conceituados por Grusky como “pacotes de recompensa”. Ora, Rafaela veio da favela e é negra, no entanto, é militar. Ao aliar esses discursos tem-se uma aceitação maior, por honrar os códigos sociais tradicionais, e uma carga afetiva que funciona como um “pacote de recompensa”. (GRUSKY, 1994).

Na análise de discurso, devemos levar em consideração a subjetividade das mensagens, assim como o imaginário social que produz sentido, pois há determinação histórica do sentido. Orlandi relaciona a ideologia com a língua e mensura os efeitos imaginários que esses dois aspectos produzem juntos.

Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa. No que diz respeito ao ideológico, não se trata de procurar "conteúdos" ideológicos que seriam a ocultação da realidade, mas justamente os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos. Na análise de discurso se trabalha com os processos de constituição da linguagem e da ideologia e não com seus "conteúdos". A ideologia não é "x", mas o mecanismo de produzir "x". No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários. (ORLANDI, 1999, p. 16)

Num dado momento, a reportagem toma um rumo interessante. Ela passa, também, a fazer análises das principais notícias sobre Rafaela após a vitória nas Olimpíadas. Isso caracteriza o uso marcante da metalinguagem no portal, já que ele analisa as representações da atleta na mídia, também se tratando de um portal midiático.

Nesse contexto, o principal resultado observado foi a ampla representação de raça nas narrativas das reportagens, como exemplo de superação.

EspnW

Há poucas mulheres nas redações esportivas, além de um número também pequeno de mulheres representadas nas notícias esportivas. Esse cenário está gradativamente sendo modificado, mas ainda não é equivalente. O maior evento esportivo mundial, os Jogos Olímpicos, mostrou a importância de discutir a (in) visibilidade da representação das atletas e a maneira como são representadas quando os veículos as mencionam.

A primeira frase da matéria do portal EspnW, a respeito da vitória da atleta, é justamente retratando Rafaela como “mulher, negra e de origem humilde”. O texto direciona o leitor para acompanhar a trajetória dela desde a derrota “traumática” nas Olimpíadas de Londres, em 2012.

O portal EspnW é especializado em conteúdo esportivo para e sobre mulheres. Coelho (2004) destaca que até a década de 1970 era quase impossível encontrar mulheres no jornalismo esportivo. Esta característica não é uma exclusividade do jornalismo esportivo. Uma pesquisa realizada pelo Monitoramento Global de Mídia⁵ aponta que as mulheres são escolhidas como fontes em no máximo 25% das notícias, sendo em geral fontes secundárias, dificilmente escolhidas como fontes oficiais ou especialistas. (COELHO, 2004 apud JOHN, EDERLE, VARGAS, 2013, p. 6)

Apesar do caráter principal do jornalismo ser a objetividade, no caso da reportagem do EspnW, alguns trechos explicitam a tentativa de misturar aspectos narrativos, da própria linguagem jornalística, com textos ficcionais, que carregam um tom sensacionalista.

Nascimento (2009) diz que "ainda que o relato jornalístico procure se calcar em bases 'científicas' e objetivas na busca pela informação, há que se considerar que a estruturação narrativa também lhe é inerente, o que equivale a dizer que seu potencial ficcional também o é" (NASCIMENTO, 2009, p. 54 apud SANTOS, AFFONSO, 2013).

O marco da atleta é escrito no texto da reportagem como "não apenas uma campeã olímpica, mas um exemplo de superação para todos os brasileiros". Autores como Rabaça e Barbosa (1987, p. 531) e Marcondes Filho (1986) acreditam que a imprensa sensacionalista utiliza do exagero e da construção narrativa com um tom pejorativo.

Dines (1986) defende que os jornais populares para chamar a atenção vão atingir o mecanismo de comportamento do leitor para aceitar, rejeitar, absorver, resistir ou responder à mensagem.

São utilizados recursos que provoquem vigorosas sensações, através de estratégias visuais, semânticas ou ideológicas, realizando-se através do exagero gráfico, linguístico e temático da mensagem elaborada. Tal é a inclinação de atribuir características sensacionalistas aos jornais ditos populares, que o próprio jornalista Alberto Dines (1986) propõe atribuir a esse tipo de notícia o título de "imprensa popular" em vez de "imprensa sensacionalista", classificação essa, menos parcial e menos

⁵ O Projeto de Monitoramento Global de Mídia (GMMP, sigla em inglês) é uma iniciativa da WACC - Associação Mundial para a Comunicação Cristã. É realizado desde 1995 e analisa a visibilidade das mulheres na cobertura jornalística mundial. (WACC, 2012 apud JOHN, EDERLE, VARGAS, 2013). Disponível em: <<http://www.whomakesthenews.org/>>. Acesso em: 15 de set 2016.

valorativa, pois se trata apenas da decorrência de um momento cultural de determinada sociedade. (DINES, 1986 apud MUSSIO, 2008)

Pedroso (2001) nutre essa afirmação, ao falar que o jornalismo sensacionalista é, portanto:

O modo de produção discursiva da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social (PEDROSO, 2001, p. 52 apud MUSSIO, 2008).

Nota-se em todas as narrativas analisadas a valorização da emoção em detrimento da informação. A autora conceitua a relação sensacionalismo com recursos discursivos e separa alguns pontos, dentre eles: “adequação discursiva ao *status semiótico das classes populares*; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos, subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos”. (PEDROSO, 2001, p. 52 apud MUSSIO, 2008); “a valorização de conteúdo ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subsequentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural”. (PEDROSO, 2001, p. 52 apud MUSSIO, 2008); e “a gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico-cultural entre as classes hegemônicas e populares”. (PEDROSO, 2001, p. 52 apud MUSSIO, 2008).

O recurso linguístico da repetição e inserção do desnivelamento sócio-econômico é utilizado em toda a matéria. O conjunto que se forma entre o texto jornalístico de caráter perfilado acaba por confundir o leitor com traços sensacionalistas que dão um tom ficcional na trajetória da atleta Rafaela.

Pedroso (2001) ainda cita mais um ponto importante para essa análise a respeito dos recursos linguísticos e discursivos: “a discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, impositiva, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa, sedutora”. (PEDROSO, 2001, p. 52 apud MUSSIO, 2008).

Globoesporte.com

No dia oito de agosto de 2016, Rafaela Silva começou a reescrever a sua história nos tatames. Com o ouro nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, conquistou torcidas e desbancou preconceitos existentes pela sua raça. O portal de notícias esportivas da Rede Globo, o globoesporte.com, trouxe para a capa do site duas matérias sobre a vitória da atleta. Ambas publicadas no dia 8 de agosto, no mesmo dia em que Rafaela se tornou a primeira mulher no Brasil a ganhar um ouro no judô.

A escolha do portal em subdividir a pauta em duas reportagens possibilitou que as informações não fossem perdidas ou esquecidas, utilizando o factual e a reportagem no modelo *longform* - grande reportagem multimídia - para segmentar a leitura do internauta e não perder o deadline da notícia.

A primeira reportagem se enquadra numa perspectiva factual. Foi a primeira notícia sobre a vitória e relatou o passo a passo de Rafaela para chegar até o pódio. Por descrever a luta detalhadamente e utilizar termos técnicos em grande quantidade, sem aprofundar a história da atleta, essa reportagem foi descartada da análise.

A segunda matéria foi publicada poucas horas depois da factual. Dessa vez, com um texto mais cuidadoso e com um relato aprofundado. "Das ruas ao tatame: Rafaela Silva, um diamante lapidado com pés no chão", é o título da reportagem de Helena Rebello, do globoesporte.com, do Rio de Janeiro. O intertítulo da reportagem promete o que deve vir pela frente. "Campeã olímpica na categoria até 57kg supera infância humilde na Cidade de Deus e desponta como melhor (e pior) exemplo para crianças da comunidade carioca".

A opção de trazer no olho da matéria um resumo do que aborda as linhas que devem aparecer em seguida é também uma maneira de atrair o leitor para uma história. Em duas linhas de intertítulo, o não-dito é o dito que vem dentro do texto. Essa prévia do material, dizendo pouco, mas apresentando um pouco do que foi produzido, "é subsidiário ao dito. De alguma forma o complementa, acrescenta-se". (ORLANDI, 1999, p. 15)

Dispensando a objetividade, a matéria do globoesporte.com optou por uma narrativa livre, onde a história pode ser contada sem a presença da técnica da pirâmide

invertida. Tom Wolfe nomeou esse tipo de texto como novo jornalismo ou new journalism, em 1960. "Reportagens especiais era a expressão jornalística para uma matéria que escapava à notícia pura e simples. Abrangia tudo, desde pequenos fatos 'divertidos', engraçados". (WOLFE, 2005, p. 13) A escolha editorial do site possibilita que o leitor permaneça na história.

Naquele tempo ter chinelos era luxo. Para quem tinha um par, abrir mão dele para poder brincar descalça representava o risco real de voltar para casa com os pés no chão. Rafaela, moradora nova, virou vítima das circunstâncias. (GLOBOESPORTE.COM, 2016)

Foi assim que a jornalista Helena Rebello deu início a uma história que terminaria com uma medalha de ouro. Para a vida que tem e teve Rafaela Silva, narrar a sua história, desde a infância, foi determinante para explicar o caminho percorrido pela atleta até 2016.

Ademais, a história da atleta é usada como atrativo. Uma infância pobre, de uma menina negra, que pouco tinha para comprar sequer um par de chinelos. "A menina que superou a pobreza", a autora utiliza certa vez.

A narrativa vai se constituir num instrumento fundamental da visibilidade do homem dentro da sociedade e da sociedade como tal. A história é o exemplo mais claro de que a vida em sociedade adquire sentido e forma pela narrativa da ação do homem sobre o mundo, que vai tecendo sua trajetória e revelando tanto um ser político por natureza quanto um ser que se impõe pela força e pela violência. (SILVA, 2007, p.2)

As palavras "lutadora, lutar, luta", entre outras derivações, são parte presente do texto. É uma expressão que foi encontrada para associar a infância de Rafaela às suas conquistas atuais. Como sinônimo de luta, a atleta acaba se tornando uma representatividade em vários aspectos: mulher, negra, pobre, lésbica e proveniente de uma comunidade carente do subúrbio do Rio de Janeiro.

No entanto, a carga de representatividade que a judoca carrega junto ao ouro olímpico é justificada por sua inclusão em tantos grupos formados por minorias.

Fazendo uma análise histórica da geração das desigualdades entre os grupos de cor, [o sociólogo argentino, Carlos Hasenbalg] observa as desvantagens cumulativas transmitidas de geração a geração,

responsáveis pela perpetuação da pobreza entre os/as não brancos/as (pretos/as e pardos/as). Conclui que há um elo causal entre racismo, discriminação e desigualdade racial. (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, P. 107)

Na matéria do globoesporte.com e, mais a frente, na matéria também do El País, dizer que Rafaela Silva é moradora da Cidade de Deus é remeter à sua origem e à sua criação. As reportagens utilizam o recurso linguístico eufemismo, dispensando as palavras "pobre" e "pobreza" na maior parte do texto. Segundo Foucault (1987, p. 89), "o discurso não é simplesmente aquilo que traz lutas ou o sistema de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar".

Rafaela também é tida como heroína. Heroína de um país massacrado pelo racismo e pelo preconceito. No entanto, para Heilborn, Araújo e Barreto (2010, p. 110) o Brasil "é um país imerso num tipo de racismo específico, o 'racismo cordial', cuja manifestação se dá em espaços privados, mas que tem impacto no público e na (re) produção de desigualdades entre negros/as e brancos/as".

A palavra "heroína", de acordo com o dicionário Michaelis (2016), significa "mulher que enfrenta o perigo com valentia, especialmente no cumprimento do dever ou para ajudar outrem; mulher que é digna de admiração por enfrentar o sofrimento e os infortúnios sem se lamentar; mulher que se tornou notável pelos seus grandiosos feitos". Ou seja, Rafaela atinge uma representatividade além da sua personalidade. Como uma mulher que personifica as minorias do país, a atleta foi a heroína de um Brasil com fome de heróis. Orlandi (1999, p. 50) chama essa atração do público com a atleta de assujeitamento.

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la.

Mais uma vez a história de Rafaela é representada por uma infância crescida numa comunidade violenta. A reportagem utiliza as experiências em tiroteios, brigas na rua, e a passagem por ambientes com drogas e armas, para justificar a escolha pelo judô o desvio da atleta para o judô.

O esporte aparece como uma solução para as reações agressivas e como um caminho alternativo na vida da judoca. Se hoje ela aparece na mídia como heroína e representando um povo, antes o esporte é que tomava as rédeas do protagonismo e heroísmo. A imprensa de massa tem um papel fundamental nisso, já que “ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação” (MORIN, 1990, p. 106 apud MARTIN, 2015).

A vida de Rafaela Silva, até o momento do ouro, é narrada em detalhes. Esse é um dos passos descritos por Tom Wolfe (2005) para utilizar uma narrativa enquadrada no novo jornalismo, a descrição cena a cena. A vida em família não demonstrava segmentação por gênero. A mãe e o pai trabalhavam e, a não ser pelas regras que as escolinhas de futebol impuseram, Rafaela teve um desenvolvimento sem distinção de gênero. Aprendeu o que é o ser humano antes de ser mulher. No entanto, essa vivência não é o que se espera da sociedade.

Louro (1997, p. 31) chama essa proposição de "desconstrução das dicotomias". Através da observação da historiadora norte-americana, Joan Scott, a autoria explica que é constante encontrar o pensamento dicotômico e polarizado dos gêneros dentro da compreensão de sociedade e que, "usualmente, se concebem homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão". No entanto, Louro (1997, p. 31) ainda acredita que uma estratégia "subversiva e fértil" pode ser construída, "problematizando a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é uno, mas plural, mostrando que cada pólo é, internamente, fraturado e dividido".

Em contrapartida, a reportagem evita contar certos detalhes da vida pessoal da atleta. Homossexual e namorando, Rafaela expõe com liberdade a sua orientação sexual. No entanto, ao escrever sobre a atual vida da judoca, a única frase descrita na matéria é a seguinte: "Rafaela não mora mais lá, vive sozinha em um apartamento no Méier e tem um carro de dar inveja aos vizinhos".

A limitação para aceitar a homossexualidade ainda existe. Falar sobre ela ainda é um tabu e permeia escolhas editoriais da maioria dos veículos do país. Seria, portanto, uma domesticação da mídia sobre a fonte. É o que Foucault (1987, p. 163) chama de

corpos dóceis, noção moldada constantemente pela imprensa. Esse registro pode ser observado como "uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de 'docilidade' que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado".

Além disso, enfatizando sempre a sua condição social, a reportagem acaba por esquecer alguns detalhes importantes e históricos da trajetória de Rafaela. Ela é a primeira mulher brasileira campeã do mundo no judô. A reportagem lembra disso na metade do texto e estagna nessa constatação. "A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito", explica Louro (1997, p.17).

Mais uma escolha editorial mostra o declínio da matéria para o sexismo. No caso de Rafaela, além de Geraldo Bernardes, ex-técnico da Seleção Brasileira de Judô e o homem que descobriu o talento da judoca, Rosicleia Campos, atual técnica da Seleção Brasileira de Judô, também é peça fundamental nesse tabulário. Aliás, no tabulário de muitos atletas.

Atualmente, ela é a técnica da Seleção Brasileira de Judô e desenvolveu papel indispensável na preparação de Rafaela Silva para os Jogos Olímpicos de 2016. Geraldo, que a acompanha desde criança, recebeu espaço cativo na reportagem do globoesporte.com. Foi entrevistado, apresentou falas destacadas e relatou acontecimentos já vividos pela atleta, bem como fez uma análise das conjunturas vividas por Rafaela. No entanto, Rosicleia, que a acompanhou em pelo menos dois dos campeonatos mais decisivos da vida da jovem atleta, sequer recebeu uma aspa. Foi mencionada em apenas um parágrafo, como recordação, mas não recebeu o espaço devido para sua análise técnica da atleta que acompanha há pelo menos oito anos.

Esse fato não é isolado. Em 2013, a Universidade de Nevada pesquisou 352 matérias de primeira página do jornal The New York Times e viu que, dentre os entrevistados, 65% eram homens e apenas 19% eram mulheres. Os outros 17% se referiam a fontes institucionais. No Brasil, a Superinteressante abordou o tema em 2010 e revelou que apenas 25% das fontes eram mulheres, de acordo com site feminista,

Think Olga⁶. Essa opção não deixa de se enquadrar numa relação de poder instituída entre os gêneros, se constituindo em toda a sociedade.

Para Foucault (1987) apud Louro (1997, p. 39),

"o poder deveria ser concebido mais como 'uma estratégia'; ele não seria, portanto, um privilégio que alguém possui (e transmite) ou do qual alguém se 'apropria'. Mais preocupado com os efeitos do poder, Foucault diz que seria importante que se percebesse esses efeitos como estando vinculados "a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos".

El País

O portal El País, filiada brasileira, criou nas olimpíadas uma seção exclusiva para os Jogos Olímpicos 2016. Quando Rafaela Silva fez história com o primeiro ouro olímpico de uma mulher no judô, a matéria chegou, no entanto, com quatro dias de atraso, no dia 12 de agosto de 2016. A matéria cujo artigo também analisa foi a única veiculada pelo jornal El País exclusivamente sobre a atleta na seção Rio 2016. No entanto, vale ressaltar que o El País não é um veículo voltado unicamente ao esporte, pelo contrário, com temas políticos e cotidianos, o esporte acaba se tornando uma editoria selecionada apenas para assuntos de grande relevância.

O jornalista Gustavo Moniz trouxe no título a bagagem de representação e de estereótipo da atleta do judô brasileiro. "Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil", tituló. No entanto, cabe o questionamento: que Brasil? Para Heilborn, Araújo e Barreto (2010, p. 64),

a identidade étnica pode ser definida pelo sentimento de pertença a um grupo, decorrente da partilha de modos de vida e de processos históricos comuns. A memória coletiva é uma dimensão importante da identidade étnica, expressa em crenças comuns, na corporalidade, nas práticas coletivas. Portanto, a reconstrução da memória, especialmente na mobilização dos grupos e na luta política, foi um fenômeno que passou a ser considerado pelas ciências sociais não como uma invenção ou uma fraude, mas como uma dimensão crucial da produção de grupos sociais.

⁶ THINK OLGA. **Entreviste uma mulher**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/projeto-entreviste-uma-mulher/>>. Acesso em: 1 set 2016.

Como também escreveu a reportagem do globoesporte.com, o El País chama a atenção para a origem residencial de Rafaela: comunidade Cidade de Deus, "uma das mais emblemáticas favelas do Rio de Janeiro". A escolha editorial desse recurso parece indispensável para confirmar a representatividade de Rafaela numa classe social baixa, no entanto, com uma ascensão que só o esporte foi capaz de proporcionar.

Como recurso também comprobatório, o El País faz a sua matéria sempre com base nos relatos da atleta, atribuindo um pouco mais de veracidade às constatações que estão postas. Além disso, existe uma necessidade de reafirmar que, além de mulher, Rafaela é negra, pobre e Silva, ou seja, representa um Brasil de muita gente. "A retomada da carreira aos 24 anos — que culminaria no ouro que é a cara do Brasil: de uma negra, pobre e Silva — é fruto de muito trabalho no tatame e também fora dele", diz. A necessidade de reafirmar a raça, para Heilborn, Araújo e Barreto (2010, p. 72), parte de uma ideia historicamente construída. "Raça é uma técnica de poder que é produto e produtora de formas discursivas que legitimam e normatizam os indivíduos na sociedade contemporânea, instaurando o que é normal e patológico".

Diferente da reportagem da EspnW, analisada acima, o fato de Rafaela ser terceiro sargento da Marinha aparece apenas como um acréscimo ao que ela já representa para o país e para o esporte. Essa patente não se torna, nessa reportagem, condição para a sua vitória, mas acrescenta na sua trajetória para consagrar-se campeã. As escolhas editoriais, portanto, são diferentes, mas abordam o tema como um conteúdo necessário:

Não adianta você ser atleta se a sua educação e vida social não batem com o esporte', contou Rafaela, que também é uma das atletas que representam o Brasil nos Jogos Militares. Ela é terceiro sargento da Marinha e faz parte do Programa de Alto Rendimento do Ministério da Defesa. (EL PAÍS, 2016)

Considerações finais

O conceito de raça, ao longo da história, esteve permeado de uma relação de poder e dominação. Além de ser carregado de ideologias, o conceito ainda esconde outras definições, que com o tempo foram ganhando formas por meio de ações. Imbricadas na concepção de raça, manifestações de intolerância e ódio racial,

maquiadas de termos como o racismo e o etnocentrismo, ocupam categorias ramificadas da raça.

Levando o termo em consideração, durante as leituras das reportagens e as análises mais aprofundadas em teóricos do discurso, gênero e raça, foi possível perceber que, na imprensa, existe uma necessidade de destacar a raça e a classe social como atrativo, declinando para um tipo de jornalismo muito mais sensacionalista que narrativo.

Ao longo da história das concepções de raça e das concepções racistas, percebem-se as metamorfoses das ideias e do vocabulário raciais por intermédio da ressignificação do conceito de cultura e das defesas mais extremadas do diferencialismo, ou seja, da defesa da manutenção da diferença cultural e, conseqüentemente, do medo da mistura, seja ela biológica ou cultural. (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p. 11)

Portanto, a forma como o discurso é direcionado, é a maneira também como é conduzido o entendimento prévio do leitor durante a leitura, no caso, da reportagem. De acordo com Orlandi (2010, p. 50), através da língua e da sua relação com a ideologia, é possível observar a subjetividade utilizada nos mecanismos do texto. "Através da noção de determinação, o sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz".

Através desta análise, foram elencados aspectos que são convergentes entre as reportagens e pode-se perceber que majoritariamente as matérias analisadas enfatizaram as origens de classe e raça de Rafaela, além do fato de ser mulher de um modo que pode inferir a perpetuação do preconceito de raça, classe e gênero. Recursos como o uso da repetição desses termos terminam por demonstrar a linha tênue entre a retratação da realidade com a construção de uma ficção baseada em estereótipos sociais.

Referências

ESPNW. Em 10 capítulos, a saga da medalha de ouro de Rafaela. **EspnW**, Rio de Janeiro, 05 ago. 2016. Disponível em: < <http://espnw.espn.uol.com.br/em-10-capitulos-a-saga-da-medalha-de-ouro-de-rafaela/>> . Acesso em: 10 ago. 2016.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004 In: JOHN, Valquíria; EDERLE, Stefânia; VARGAS, Priscilla. **Jornalismo esportivo e**

invisibilidade feminina: análise da cobertura da olímpiada de 2012 realizada pelos jornais Lance! e Folha de S.Paulo. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

DEIRO, Bruno Peixoto. **O ônus da agilidade no jornalismo online.** São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Bruno-Peixoto-Deiro.pdf>>. Acesso em: 2 set 2016.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** uma releitura. São Paulo: Summus, 1986. In: MUSSIO, Simone. **Popular sensacionalista:** as estratégias discursivas do Jornal Agora. São Paulo. Bauru, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GUIMARÃES, Thiago. Quatro maneiras de usar a vitória de Rafaela Silva para confirmar o que você já pensa. **BBC Brasil**, Londres, 09 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37022870>> . Acesso em: 10 ago. 2016.

GRUSKY, D. **Social stratification:** class, race, and gender in sociological Perspective. San Francisco: Westview Press, 1994. In: HEILBORN, Maria; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (Org). **Gestão de políticas públicas em gênero e raça | GPP-GeR Módulo 3 | Políticas Públicas e Raça.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia. **Gestão de políticas públicas em gênero e raça**, GPP-GeR, Módulo 3. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARTIN, Lucas Ferreira. **A mídia esportiva e o leitor no processo de construção de um ídolo jogador de futebol:** uma análise das matérias extracampos do site Globoesporte.com. Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1062-1.pdf>>. Acesso em: 2 set 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia:** jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989. In: MUSSIO, Simone. **Popular sensacionalista:** as estratégias discursivas do Jornal Agora. São Paulo. Bauru, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

MONIZ, Gustavo. **Negra, pobre e Silva:** o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil. **El País**, São Paulo, 12 ago 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html>. Acesso em: 20 ago 2016.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de redação em jornalismo:** o texto da notícia, volume 2. São Paulo: Saraiva, 2009. In: SANTOS, Leonor; AFFONSO, Lucas;

Jornalismo esportivo e audiência: a linguagem do programa Globo Esporte. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso:** Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

THINK OLGA. **Entreviste uma mulher.** Disponível em: <<http://thinkolga.com/projeto-entreviste-uma-mulher/>>. Acesso em: 1 set 2016.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução de um jornal sensacionalista.** São Paulo: Annablume, 2001. In: MUSSIO, Simone. **Popular sensacionalista:** as estratégias discursivas do Jornal Agora. São Paulo. Bauru, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação.** São Paulo: Ática, 1987. In: MUSSIO, Simone. **Popular sensacionalista:** as estratégias discursivas do Jornal Agora. São Paulo. Bauru, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/M2Ayh2>> . Acesso em: 15 set 2016.

REBELLO, Helena. **Das ruas ao tatame:** Rafaela Silva, um diamante lapidado com pés no asfalto. **Globoesporte.com**, Rio de Janeiro, 08 ago 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/judo/noticia/2016/08/das-ruas-ao-tatame-rafaela-silva-um-diamante-lapidado-com-pes-no-asfalto.html>>. Acesso em: 20 ago 2016.

SILVA, Marconi de Oliveira da. **A notícia como narrativa e discurso.** Santa Catarina, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200/2053>>. Acesso em: 3 set 2016.

WACC - **The world Association for Christian Communication.** The Global Media Monitoring Project Report 2010. Disponível em: <<http://www.whomakesthenews.org/>>. Acesso em: 15 set 2016.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.